



# Gaiato

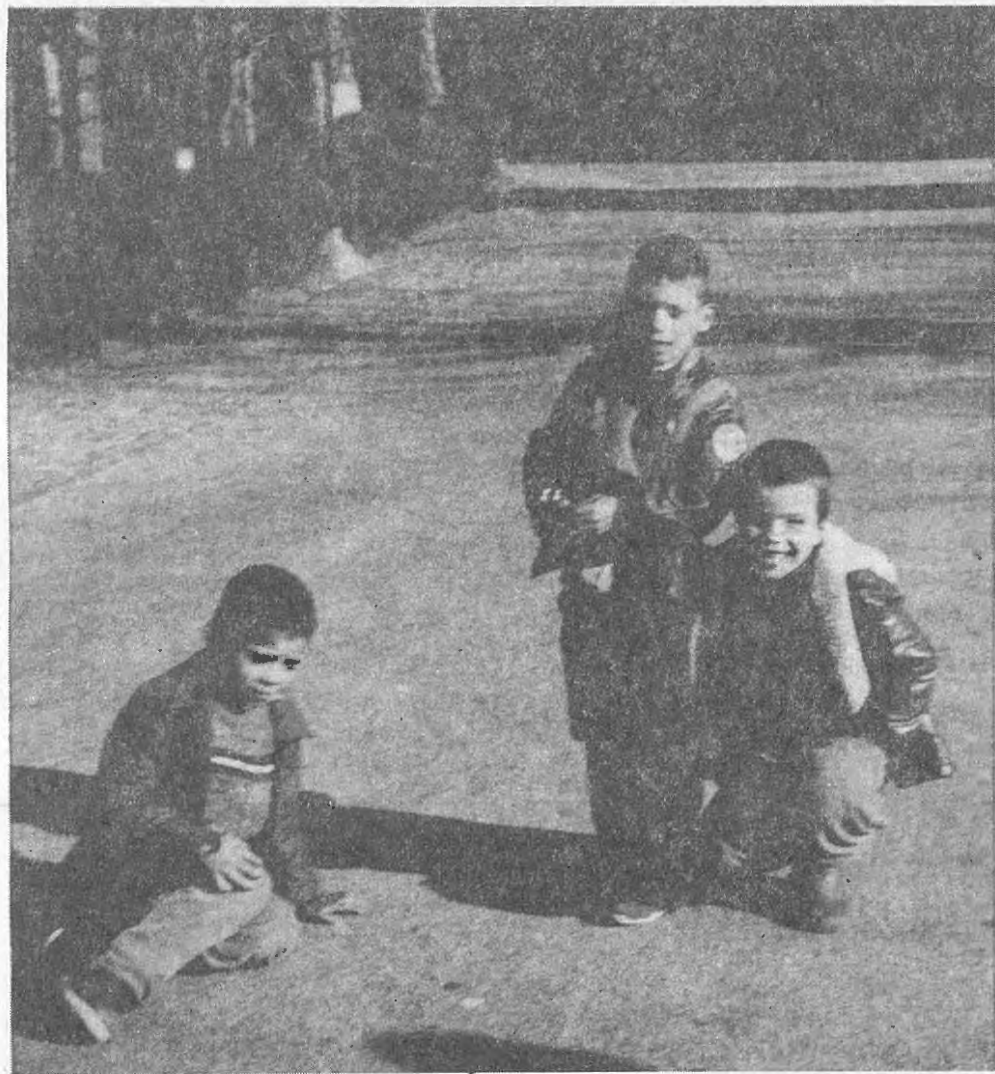
**PORTE  
PAGO**

Quinzenário • 21 de Setembro de 1991 • Ano XLVI — N.º 1240 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



*Senhor dos Céus!  
Deus escondido  
que tudo sabes  
e tudo revelas:  
debaixo das nossas  
telhas guardamos  
as histórias  
mais pungentes  
e mais humanas  
que o Céu  
de Portugal alumia!  
Na Obra da Rua  
embalamos  
com lágrimas  
de ternura  
as tragédias  
cruciantes  
da pobre Humanidade.  
O GAIATO pede  
ao mundo que seja  
melhor: que seja  
mais sóbrio,  
que seja mais  
compadecido.*

PAI AMÉRICO

## Contrastes

### Falta de preparação séria

— uma causa de lares fracassados

DOIS pequenos vieram dizer-me que uma senhora esperava por mim na sala dos cicerones. Era a hora da refeição do meio-dia. O caldo já tinha sido comido e o conduto ia caindo nos pratos. A alegria do momento corria por todas as mesas.

Lá fora estava a senhora à espera. Quando dei com ela disse ao que vinha. Era assunto de dois netos, de 9 e 11 anos, perdidos noutra lugar que não o seu, a quem era preciso acudir enquanto o tempo permitia recuperá-los. Contou-me a sua história mai-la dos netos.

Há um ponto comum, em geral, nestas desgraças. É a família desmantelada. Desta vez a mulher foi infiel ao marido e fugiu com outro homem. Esqueceu-se das vítimas inocentes — os filhos. Nenhuma autoridade interveio. Houve «faltàrio» nos caminhos da aldeia e nas tabernas. Quem devia pôr ordem onde a desordem entrou, não o fez, entretanto. Os criminosos continuam impunes e nem sequer são procurados. Há mais preocupações quando acontece um acidente, em que as chapas ficam amolgadas ou desfeitas, do que quando se dá a catástrofe de um lar que desmorona fazendo vítimas sem fim. As chapas valem mais que os filhos vitimados!

A avó foi contando o seu sofrimento. O filho ficou desnordeado. Os netos foram colocados numa família que os acolheu mais por interesses próprios do que por amor e devoção. Andam por lá a crescer desequilibrados. As operações e a doença do coração não permitiram que a avó viúva ficasse com os netos. Vi as lágrimas sinceras a correr-lhe pelo rosto.

— Oh, fique-me com os meus netos para que não sejam uns desgraçados!

Daqui a alguns dias, se vierdes à Casa do Gaiato, encontrareis mais dois garotos no seu lugar.

A mulher foi-se para a sua terra depois de confortada com uma tigela de sopa, que o estômago já não aguentava o conduto. Compreendi: a alegria era tanta que já não havia lugar para a comida!

A família é o segredo da felicidade ou da desgraça dos filhos e dos pais. Quando o egoísmo tem mais força que o amor não há lar que resista. Em todas as classes sociais a miséria familiar faz as suas vítimas. O dinheiro pode encobrir a verdade. É necessário, pois, que se denuncie o crime para alertar as consciências.

Duma vez, não muito longe, ouvi dizer por testemunha fidedigna que um casal endinheirado, ao tomar conhecimento de que seu filho era mongolóide, quis desfazer-se dele e continua nessa disposição. É o cúmulo de desumanidade a que pode chegar a família!

A falta de preparação séria, a tempo e horas, é uma das causas de lares fracassados. Onde existiu o ambiente generoso e confiante nos valores perenes do casamento o bicho da disórdia não entrou e, por isso, não preparou o terreno para fazer vítimas na geração seguinte.

Ontem, a meio da tarde, deliciei-me a escutar uma mãe que vinha procurar melhor caminho para adoptar ou acolher uma criança. Tem os filhos criados. Sente-se nova e com capacidade para dar o seu coração de mãe a outros filhos já que os não pode criar no seu

Continua na página 3

# Moçambique

## DO SONHO À REALIDADE

Bem diferente do que esperávamos. Padre Armindo, da Polana e da Caritas, à nossa espera. Padre Ernesto enviado pelo Sr. Cardeal, Amigos do engenheiro Braz de Oliveira. Carros com espaço para bagagem. Se enchêssemos o avião quase cabia tudo.

No caminho da cidade colhemos as primeiras impressões. Todo o mundo bem vestido. Muito movimento de carros nas ruas. A cidade limpa. Só as acácias não têm ainda flores..., mas virão.

O Sr. Cardeal recebeu-nos de coração aberto e ficámos instalados no paço. No dia seguinte fomos à barragem dos Pequenos Libombos alugar uma casa. Não podemos ver senão de longe a nossa futura morada.

Na quarta-feira transferimos as bagagens e dormimos a primeira noite fora da cidade. Lugar aprazível, bem escolhido pelos estrangeiros para o fim de semana em lazer. Aqui já se ouvem os grilos, as rãs e os pássaros a cantar pela manhã. No mesmo dia a primeira

visita à fazenda, conduzida pelo engenheiro director da barragem. O coração apertou-se. Ali está um posto avançado do quartel para defesa desta área. O que resta de uma grande exploração pecuária está deserto e em ruínas. Os telhados, as madeiras, as portas e as janelas — tudo desapareceu. Regressámos com tristeza.

No sábado fui à cidade, sozinho, para celebrar a Eucaristia, ao outro dia, na periferia, com Padre Ernesto. Comunidade viva. Todos muito bem vestidos, como nunca vira dantes. Muita dignidade e participação alegre na liturgia. A segunda celebração, mais no interior, mas distante ainda da antiga Casa do Gaiato. As pessoas de rostos sombrios. O sofrimento está patente. Fui reconhecido pelo pai de um antigo aluno da nossa escola. Tantos abraços recebi! Dos meus antigos rapazes nenhum apareceu ainda. Do último com quem me correspondi, receio pela vida dele. Estava numa área que recente-

mente foi destruída. Mas vão aparecer, tenho a certeza.

No sábado voltámos, pelos nossos meios, à fazenda. Percorremos tudo. Descobrimos que muito se pode aproveitar, que tudo construído pode servir. Há lugar para refeitório, cozinha e vários quartos.

A irmã Quitéria já iniciou os seus trabalhos de entrosamento na comunidade e está ganhando amizades. Hoje, tivemos um grupelho de nove crianças à nossa Missa. Só dois já tinham visto.

O Luís começou a ir à escola. Com o Padre Telmo e Jaime todos os dias vamos a Maputo no exercício paciente de arrumar papéis. Preocupados por falta de tempo e ferramentas, para alguma coisa começar a melhorar na fazenda. Mas cheios de confiança. Há muito deveríamos ter vindo! Todo o mundo fica alegre quando descobre quem somos.

Padre José Maria



# PELAS CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

• No reino dos Pobres — porque são pobres — surtem, às vezes, situações que humanamente não há possibilidades de ultrapassar.

A nossa missão é que a pessoa se promova (damos cana para pescar...) e não se afunde na marginalidade. Mas as condições sociais, do mundo em que vivemos, nem sempre contribuem para a eficácia...

Não é provincianismo, nem vamos concretizar sombras que regiões urbanas sacodem para os meios rurais; e que, por arrastamento, são consequências do desenvolvimento que se processa a vários níveis, imprescindível para sairmos da letargia centenária. Mas — reconhecemos — os custos são comuns a todos os países ditos em vias de desenvolvimento.

• Deixemos as sombras e falemos da luz; do testemunho duma mocita pobre, que é já uma mulherzinha. Não a víamos desde meados do último ano lectivo.

— Já deveria ter comunicado o resultado do meu aproveitamento...!

— Vencestes?

— Passei, graças a Deus.

— Ótimo!

A face da pequena muda num instante! Justifica o desencontro com ponderação, com maturidade:

— Quando terminei as aulas ingressei logo na OTL. Para além da remuneração, que faz jeito, é uma forma de conhecer profissões e ambientes de trabalho úteis ao meu futuro...

Caímos do Céu...!

Depois, estimulámos a cachopa em todos os sentidos (é uma idade difícil...), pois frequenta já o 11º ano do Ensino Secundário.

Que seria dela se não lhe dêssemos a mão?! Órfã de pais... Vítima de grandes tragédias... É certo que não ficou traumatizada como o irmão. Conseguiu vencer. Graças a Deus!

**PARTILHA** — Cinco mil, da assinante 52663, do Furadouro e 2.000\$00 «duma minha amiga», que sofre muitas adversidades. Vale de correio (quinze notas), da assinante 39773, de Queluz. Habitual oferta do assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão. Mais 4.000\$00, de «Manel de Braga», destinados «às irmãs viúvas, mártires da vida; se a dois custa tanto, para uma só é difícil».

Assinante 9811, da Maia, 2.000\$00 «pela passagem de mais um ano que o Senhor nosso Deus me deu (80) — para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Parabéns! Mais 5.000\$00 do assinante 42971, de Ovar, presença regular «para os Pobres mais necessitados e envergonhados e por uma intenção minha». O Senhor escutou! Mais 3.000\$00, da «Avó dos cinco netos», para «uma viúva com filhinhos. É pouco, mas dado com amor» — sublinha esta avozinha.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**VINDIMA** — Chegou a época da vindima! Para a malta do campo e não só. É um espectáculo ver todos nas densas ramadas carregadas de cachos de uvas!

A nossa vindima, desde sempre, são dias de festa e uma oportunidade para os maiores glutões...!

**TORNEIO DAS VINDIMAS** — Na vila de Paço de Sousa realizam-se várias competições, nas seguintes modalidades: damas, dominó, ténis de mesa; e atletismo: 1500 m, 6000 m e 2000 m, corridas de 200 m e outras distâncias; também o futebol para juvenis e,

por fim, o jogo das malhas.

Alguns dos meus companheiros e adversários (por causa dos mapas e distritos) foram também competir no torneio.

**OBRAS** — Concluíram o arranjo na nossa cozinha. Mosaiques novos nas paredes e grades de ferro nas janelas. Para além disso, temos um fogão novo para minha admiração, pois o velho já deu o que tinha a dar. Que bom! Agora, tem outro aspecto!

A porta dos cicerones estava com mau aspecto: Vidros partidos, dobradiças ferrugentas, etc. Deu o que tinha a dar. Na carpintaria fizeram uma nova e, por acabamento, o senhor Mota dos trolhas meteu os vidros e pintou-a numa cor acastanhada escura. Que bom, agora, os nossos visitantes entrarem por uma belíssima porta na sala de cicerones!

**COMEÇO DE AULAS** — No dia 23 principia mais um ano lectivo da Escola Primária, Tele-escola e Secundária de Paço de Sousa.

Os rapazes da nossa Casa já acabaram as férias. Estão descansados e prontos para entrar com o pé direito no início de aulas. Espero que assim seja e levem a sério o estudo que lhes será proposto e tenham bons resultados no fim do ano lectivo.

**DESPORTO** — Depois de um tempo de descanso, os trabalhos retomaram novamente.

O treinador prevê boa época com uma equipa nova.

Paulo Alexandre («Rambo»)

## MIRANDA DO CORVO

**AGRICULTURA** — Agora, o milho é o trabalho que temos de maior responsabilidade. Após ser despontado e desfolhado, resta esperar que a espiga acabe de amadurecer e guardarmos a colheita em arcas para, durante o Inverno, servir de alimento ao gado. A ponta e a folha também são aproveitadas para os animais.

**FRUTA** — Apanhámos grande parte da fruta. O Pedrito e o Carlos «Martelo» são os responsáveis. Colhem a mais amadurecida e a que tomba no chão serve para cozer, pois alguma é verde.

**VACARIA** — Está mais rica com a vinda doutro elemento pouco comum em nossa Casa: uma cabra que ofereceram. Ficámos admirados porque nunca tivemos gado caprino nem ovino, nos estábulos.

**OBRAS** — Decorrem normalmente. O primeiro sótão está dividido e rebocado, pois os rapazes e o pedreiro trabalham bem.

**CURSO** — Alguns rapazes mais velhos que, em termos escolares, estavam um pouco atrasados, após terem frequentado um curso de adultos, andam, agora, num de electricidade. Esperamos que aproveitem.

João Paulo

## Cooperativa de Habitação

**CONSTRUÇÃO** — A nossa e vossa «criança» continua a crescer. Visitamo-la quase diariamente para, de perto e com satisfação, acompanharmos os seus primeiros passos.

Ainda não foi possível obter a «certidão de nascimento», pois as repartições não param de nos

pedir papéis! Concordamos com a exigência da legalidade, mas não com exageros; pelo menos quando se trata de fazer algo de útil à comunidade, a favor de quem precisa.

Quando pensámos neste segundo projecto (o primeiro foi posto de lado, pelos seus elevados custos) solicitámos a uma empresa da especialidade o respectivo preço. Seriam mais de 1.400 contos.

O arquitecto Barbosa — que nos tem acompanhado desde o princípio — prontificou-se imediatamente a fazer o risco, gratuitamente, na companhia do Eng.º Salinas, pois achou que esse dinheiro poderia baixar um pouco o custo do empreendimento.

Foi pena, na altura própria, não termos requerido à edilidade a colaboração do respectivo GAT! Já que se trata dum serviço de utilidade pública estaria perfeitamente dentro do âmbito das suas funções.

**COMPUTADOR** — Temos necessidade dum micro-computador e duma impressora para a contabilidade da nossa Cooperativa, pois estamos a pagar a escrituração a uma firma especializada, e temos um gaiato com conhecimentos de informática disposto a tomar a responsabilidade do trabalho.

Será que uma empresa de computadores ou algum leitor amigo irá dizer *presente!*? aguardamos com a maior expectativa e agradecemos antecipadamente.

**OFERTAS** — Dulce, da Nazaré, 5.000\$00: «Pequeno cheque para a Cooperativa, iniciativa que acho muito útil para ajudar a resolver o problema da casa». Póvoa de Varzim, Rosalina com 5.000\$00. Eládio, de S. Mamede de Infesta, 1.000\$00. Pela Casa do Gaiato, do Tojal, 15.000\$00. Diversas ofertas através da Casa do Gaiato de Paço de Sousa: 60.000\$00.

Deus vos pague.

Carlos Gonçalves

## Convívio dos Antigos Gaiatos de Malanje

• Não direi que sinto aquela ligeira sensação de conforto, nem sequer que me atormenta a reabertura das nossas Casas do Gaiato de África. A verdade, porém, é que sinto uma grande alegria mas, ao mesmo tempo, uma grande preocupação na solidariedade que possamos dar a todos quantos, de início, darão do seu melhor na grande tarefa que os espera.

O tema desta minha crónica não é a «filosofia» da reabertura das nossas Casas, mas, como antigo gaiato, chamo a atenção para este grande momento que é de esperança e alegria. Basta preocuparmo-nos um bocadinho para, assim, ajudarmos a ultrapassar as dificuldades que os nossos Padres enfrentarão quando chegarem a África e reabrirem as portas onde entrarão centenas de crianças carecidas de meios mais humanos. Só assim saberemos para que lado é Malanje.

• Nos dias 17 e 18 de Agosto os gaiatos de Malanje reunimo-nos nos arredores de Coimbra para mais um convívio. Foi de esperança e de fé pela breve reabertura da nossa tão querida Casa do Gaiato.

O Padre Telmo, nos convívios anteriores, andava triste e pensativo; mas, este ano, era escutá-lo e olhar os seus lábios para compreendermos que a sua alegria vinha das terras do Culamuxito.

Nós, rapazes e familiares, ao contrário do Padre Telmo, andávamos preocupados por sabermos que ele ia voltar às grandes preocupações de há dezenas de anos: as crianças e os pobres de África.

Vá Padre Telmo! Mas não se esqueça que estes seus filhos também existem e esperam, com ansiedade, notícias suas e de umas visitas pelo meio. Esta pontinha de «ciúmes» é de quem gosta de o ter perto.

O nosso encontro correu bem. Iniciado no Buçaco com um almoço que todos levaram de casa. Após uma pequena reunião, viajámos até ao Lar de Coimbra, onde jantámos uma funjada batida pelo Pedro, Jaime e irmãos. As senhoras foram autênticos gaiatos na cozinha e refeitório. Era vê-las por todo o lado para assistir a tudo e todos e, ainda por cima, preocupadas com filhos ou netos. Gostei!

Passámos a noite no Lar. As senhoras ocuparam o 1º andar e nós ficámos no 2º. Tudo à gaiato! No meu quarto ficaram, sem escolhas nem sorteios, os dois filhos do Zézito, o do Júlio Silva e do Carlitos. Enquanto fingia dormir ouvia do mais pequenino: «Não façam barulho que o senhor está a dormir!»

No domingo, logo pelas sete da manhã, ouvimos vozes a dizer que eram horas do pequeno-almoço e o Zézito, preocupado, veio na hora exacta de Miranda do Corvo com pacotes de leite. Um pequeno-almoço!

De seguida viajámos até à Lousã para assistirmos ao bap-



Paço de Sousa. A nossa vindima são dias de festa!





Vamos hoje terminar este desfile estival com um grupo diverso. São os que dedicam à Autoconstrução o sobranço das suas assinaturas ou de remessas também com outras intenções; são os que, tocados no momento por um problema de habitação, enviam os seus dons a mitigá-lo; são colaboradores para o que achamos mais urgente e nós destinamo-la a este fim.

Enquanto por esse País em fora as Festas e Romarias se multiplicam à sombra de Santos, mas com o sabor pagão da queima em ornamentações e foguetes de quantias vultuosas que possibilitariam uma resposta continuada e progressiva a carências que afectam gravemente membros dos seus povos — esta «procição» caminha, sem arcos e balões, sem guarda-roupa e andores, sem apelo a qualquer falso folclore, direita ao objectivo de acrescentar a justiça social, já que a não podemos esperar, toda e só, do Estado e de outros Altos Poderes, pouco sensíveis e muito solicitados por realizações mais vistosas do que dar morada condigna, aqui e acolá, discretamente, a famílias que a não têm nem lhe têm acesso só por si.

São desta mente e desta vontade os que compõem esta coluna. Ei-los: João, de Lagoa, seis mil «para algumas telhas». A Maria de Lurdes, de Lisboa, manda dez vezes mais e «obrigada por tudo quanto fazeis pelos sem voz neste nosso Portugal». Outros seis, no Espelho da Moda, do assinante 28359. Menos um, do José, da Rua da Formiga — Porto. Quarenta e cinco, de Braga: «Também sou viúva mas, graças a Deus, tenho uma casa confortável e por isso vivo muito os pro-

zado do filho do Tomás e à celebração da Eucaristia. Parabéns ao casal por mais esta alegria.

A Irodina, o Octávio e o Pedro, logo de manhã, seguiram até à Senhora da Piedade (Miranda do Corvo) carregados de frangos e sardinhas para que, à nossa chegada (14 horas), mais de meia centena de pessoas os pudessem saborear. Um grande almoço que ainda se tornou maior quando, mais tarde, chegaram o Padre José Maria, Jaimito e esposa e mais uma Irmã, que vão reabrir a Casa do Gaiato de Moçambique. Obrigado Padre José Maria pela sua tão breve companhia; nós estamos consigo e com as crianças de Moçambique.

Durante muitos anos esta reunião foi organizada pelo Pedro e Falcão; este ano, foi a vez do Octávio e do Zézito, incapáveis na sua organização. Para o próximo ano, está nas minhas mãos, do Fernando Dias e do Tomás. Vamos dar o nosso melhor para que estes encontros não morram e, desde já, pedimos a colaboração das senhoras, principalmente as que residem na zona de Lisboa. Está marcado para 15 e 16

# AGORA

blemas de quem nada tem». Vinte e cinco, de Vila do Conde. Cem, de Barcelos, de duas primas, e que Deus as conforte pelo «mal haver» do «bem fazer» a que se entregam. De Pinheiro da Bemposta, cinco, da Maria Augusta. E de Avanca, dez, «para qualquer outra necessidade, quer seja uma telha ou outro qualquer fim que achem conveniente». Metade, do Zeferino, de Ovar. E, de novo, o Algarve, Tavira, dez de duas irmãs: «Vivemos numa casa que nossos pais nos legaram e sei bem avaliar quanto a casa é essencial para a vida».

Cinco, de Marcelina, de Aveiro. E quarenta, da assinante 49647/A, com outro tanto pró Calvário e mais dez pró Conferência do Lar do Porto. De Celeste, de Lisboa, cinco, «como agradecimento por grande graça recebida». E acrescenta: «Os dons do Céu não são remíveis a dinheiro; mas talvez um pequenissimo auxílio a quem precisa, possa ser uma maneira de retribuirmos o muito que Deus nos dá em cada dia». Endossar aos Pobres a gratidão devida a Deus é caminho certo, não duvide.

Dez, da assinante 30349. O mesmo de Adélia, «uma pequenina gota de água com pena de não poder ser um rio». Metade, da Maria Joana, de Setúbal; e mais mil, de Adalina, no Espelho da Moda.

Quinhentos, de Guimarães, de uma Maria Fernanda. Dez, de Virgínia Graça, não sei de onde. Metade, de

de Agosto de 1992 na região da Capital (Sintra e Sesimbra).

As previsões apontam para uma futura ausência do Padre Telmo, em alguns dos nossos convívios; mas não vamos dar-lhe o desgosto de acabar com eles. Contamos contigo!

Numa reunião que tivemos, ficaram decididas várias preocupações e outras não ficaram totalmente esclarecidas: Abriremos uma pequena conta bancária com o dinheiro que cada um contribuirá, este ano, e depositaremos a receita das cotas anuais entregues pelos casais para se fazer face a despesas imprevistas.

Não sei o fim do convívio porque, como sempre, sou o primeiro a abandonar os que me são queridos. Desta vez, além dos 300 km a percorrer, necessitava de parar na Cova da Iria (Fátima), a pedido de quem me acompanhava.

Até ao próximo ano e que todos estejam presentes para, em conjunto, obtermos notícias da nossa Casa do Gaiato de Malanje.

Manuel Fernandes

Ivone Graça, de Lisboa. E outra vez metade do Augusto, de Gondomar. Vinte, na caixa de esmolas da nossa Capela. Igual quantia, do assinante 35938, de Évora. Cem, «para aplicarem no que melhor entenderem», da Rua Mouzinho de Albuquerque em Leiria. Dois, do assinante 26711. E o mesmo de outra assinante de Tavira, «parcela da minha pequena reforma». E mais este desabafo: «Gos-

taria que todos tivessem uma casa, ao menos como eu tenho, embora, infelizmente, não esteja toda paga».

De Vila Nova de Gaia, António com cheque de quarenta, «oferta de um familiar muito querido». Cem, de Coimbra, do José Maria em resposta a um caso contado no jornal. E vinte e seis e seicentos, de Lisboa, da Av. Eng. Arantes e Oliveira; e «sinto que dou pouco, sobre-

## NOVOS ASSINANTES

No topo da coluna, o nosso Fernando Jorge, de Moselos, «antigo gaiato conhecido por Caval de Pau», com «alguns novos assinantes» e satisfeito por ter vindo «pela primeira vez à reunião de antigos gaiatos, pois gostei muito de rever velhos companheiros», acentua.

Amiga, de Angeja, continua a mandar listas e listas de novos leitores! Traz sempre O GAIATO no coração!

Tomar: «Junto um cheque para O GAIATO. Leio-o, muitas vezes, de fio a pavio, e creio que ajuda muita gente a reflectir. É o caso duma pessoa, minha conhecida, que, por meu intermédio, pede a sua assinatura...»

De algures: (...) «Quanta vontade tenho de falar! Só que não adiantaria nada. É preciso uma longa paciência... sofrer a sede de me comunicar, ou melhor, de pôr as pessoas em contacto com o Sobrenatural; tal como eles, que sofrem essa mesma falta de intimidade com Deus. Sim, porque não estou interessada em que entrem numa igreja de pedra para celebrar cerimónias que consideram fruto duma educação e se tornou uma segunda natureza morta. Então, lembrei-me d'O GAIATO. Ele é Evangelho vivo e atraente, tão humano quanto divino. Sim, vou enviá-lo a alguns deles...»

Lisboa: «Esta dúzia de pessoas são, quase todas, gente nova a ver se aprende a ler

## Contrastes

Continuação da página 1

ventre por impossibilidade natural. Que maravilha! Que contraste! Onde abunda o comodismo, a fuga à consciência de ser pai e mãe responsáveis, não faltam os corações bons, generosos, com tanta força que confundem os mediócras e os humilham.

Guardamos o recado à espera da oportunidade que em breve chegará. Esta filha aprendeu com a mãe e o pai de quem se lembra com grande devoção. É a família que prepara as famílias que hão-de vir. Todo o investimento humano neste campo é sempre compensador. Quem dera a Igreja, Mãe e Mestra de Humanidade, empenhe suas energias na preparação e consolidação da família. Ao Estado cabe a responsabilidade específica, no sector da habitação, por exemplo, de ajudar a estabilidade da família, estimulando com verdade a aquisição de casa digna.

Padre Manuel António

tudo porque gostaria de contribuir com algum trabalho pessoal, o que ainda não foi possível».

Uma «migalha» com muito amor da assinante 23043/A. E fecha o Algarve, como principiou, desta vez a Quarteira, com um cheque de dez, «para o António e a Emília, para ajuda da casinha que querem construir». E remata com esta prece: «Deus vos ajude e que Pai Américo, no Céu, vá convertendo mais corações, desejosos de ajudar mais irmãos como este em necessidade».

Padre Carlos

## DOCTRINA



...para começar novos trabalhos...

• Chegou finalmente a hora de pôr ponto final ao nosso martírio alegre e voluntário, mais à tua curiosidade de saber coisas das Colónias dos Gaiatos: Hoje mesmo, dia 9 de Setembro, pelas nove da manhã, deu sinal a trombeta de partida e todos os miúdos, saquita na mão, como chegaram, regressaram a seus lares, em boa paz; e somente para o ano que vem, voltarei a falar e a agitar as águas.

• Agora que passaram perigos e responsabilidades, vamos entrar em calma silenciosa no capítulo de quantidades e de algarismos, o qual capítulo há-de ser publicado em Sopa preciosa e verdadeira, dedicada a cada um dos seus leitores. Será um apelo em forma de impertinência grata; um tornar bem acolhido; um «tome lá», sem enfado — sacrifício que se pede aos já sacrificados. Não se trata de migalhas póstumas nem de contas de funeral, que as obras são vivas, feitas de vida e de luz incandescente. Elas são uma renúncia absoluta à dúvida, à incerteza, ao acaso, ao vazio, ao medo, ao nada. Muito mais vivas do que o pensamento que levantou velhas catedrais e o braço humilde que assentou a pedra, elas, as obras, são fonte que brota e semente que germina, vida actual de que a Vida é feita! Póstumas não: aqui não há cadáveres nem enterros.

• A migalha que agora me vais dar para ajudar as dívidas passadas, tem um novo sentido e um duplo valor que antes não tinha; vais-me dar por mor da guerra! Réplica silenciosa aos milhões da voragem, ai pequeno saído do teu peito grande, dar a mão à criança que chora, à mãe que se aflige, ao estropiado que geme, à ocupada de mãos arrochadas na cabeça com medo de dar à luz — a tua migalha será esmola reparadora e com ela rezas mais eu, eficazmente, a favor da Paz. Somos assim, tu mais eu, grandes cabos de guerra, soldados de primeira linha, portadores do ramo de oliveira, sem verter sangue inocente. E não receies os que podem fazer mal ao corpo, mas que não têm poder algum sobre a alma; nem tenhas medo, que muito embora pareça um fantasma, como de facto pareceu outrora aos tripulantes da barca, é sempre Ele que vem — Mão invisível que aniquila e levanta. Mais do que nunca te peço hoje que tenhas pena do pobre da Sopa e que o auxilies na missão de trabalhar mais e de sofrer mais, que a miséria é maior. Quem será a primeira mãe que me vai responder por amor e por simpatia às mães?

O. Amín. 5!

(Do Livro Pão dos Pobres — 2ª. ed.)

resolvi antecipar-me e oferecer a assinatura do nosso querido jornal».

Moinhos (Lourosa): «Peço uma assinatura d'O GAIATO para a minha sogra. Não sei se a importância chega... Logo que seja possível enviarei mais. Desejo as maiores felicidades para as vossas acções de amor ao Próximo, aqui, no País, e em África».

Coimbra: «Sou assinante, há muitos anos, e meus pais, ainda vivos e são, graças a Deus, gostam muito de saber o que se passa por esse País fora com a nossa juventude. Meu irmão mais novo, tendo-nos visitado, há dias, com a família e lendo um dos últimos números d'O GAIATO, manifestou desejo de ser assinante. Ficámos muito contentes e, por isso, me apresso a propô-lo imediatamente».

Fica tanto por citar! Tanta gente a motivar novos leitores!

Júlio Mendes

## Mudanças e actualizações de endereços

Numa das últimas edições — a época estival empola o problema — inserimos uma breve nota sobre mudanças de endereços dos nossos Assinantes: *Chegam devoluções d'O GAIATO com moradas insuficientes, especialmente de lugarejos de regiões suburbanas que agora têm arruamentos com números de polícia, etc. Pedimos aos Assinantes do Famoso que nos comuniquem as alterações havidas.*

A maior parte não daria fé da discreta notícia. Como afirma o Manuel Pinto, isto obriga os encarregados da expedição d'O GAIATO a procurar uma solução parcial: controlar, com olhos de lince, pelo ecrã do computador, o endereço do jornal com aquele que o leitor manda, via postal, quando

Continua na página 4



# NOTAS DO TEMPO

## Duas notas uma só atitude d'alma

Foi há uns meses. Uma avó, trabalhadora ainda, acabara de receber uma prestação oficial que lhe era devida, sim, mas com a qual já não contava, de tão retardada a sua entrega. A quantia era tentadora e não lhe faltavam aplicações. Mas ela pensou: «Final tenho vivido sem isto... Porque não hei-de continuar a viver?» E daquele dinheiro — seu, de direito!, como se o não fora e lhe queimasse as mãos — aliviou preocupações a uma filha viúva e mãe de vários filhos e veio trazer-nos o resto, a maior parte.

Tentei resistir-lhe:

— Porque não guarda o que quer dar-nos para ajudar mais essa filha, os outros filhos...?

— Todos estão bem. E à filha sempre tenho ajudado do meu dia-a-dia e Deus há-de continuar a ajudar-nos.

A alegria do seu rosto, a simplicidade da sua fala, a firmeza da sua decisão eram cor-

rente que fluía da sua alma — irresistível! Momentos de verdade e de beleza que Deus dá no meio deste mundo onde o embuste e a fealdade da cobiça são também realidade corrente!

Foi ontem, naquele lar onde a comunidade se vê. Não foi ontem que vi. Vi, uma vez mais. Confirmei, se ainda duvidasse. E foi lá por uma questão pedagógica. Pai e mãe são trabalhadores. Aonde chegaram, foi com o suor do seu rosto. É com o suor do seu rosto, direi mais certo, porquanto o que poderiam acumular, disso prescindem, para viverem honradamente, no bom nível que podem ter, do seu trabalho dia-a-dia. São, pois, plenos senhores dos seus haveres e das suas opções. Mas querem que os filhos se habituem a participar delas, de tal modo que, não lhes faltando o necessário no presente, eles se não julguem prejudicados para o futuro, porque os pais dão, agora, o que poderia engrassar o seu património de amanhã.

Destá vez foi o pai, mas até já tem sido um dos filhos a entregar-me o sobrescrito com

o cheque e a *legenda* que sempre o acompanha e lhe refina o sabor:

«Um abraço de Alegria por poder partilhar convosco estas 'pequenas migalhas que sobram da nossa mesa'. Não que sejam para 'os cachorrinhos' de que fala o Evangelho, mas para os que são vítimas da Sociedade e de si próprios.

Gostaria de poder partilhar mais além do bem material que é o dinheiro. Mas ainda não sei bem como. Acredito vir a saber. Por isso mesmo vos peço que rezeis por nós, pela nossa Família e Empresa. Não para que seja mais rico ou tenha mais poder. Mas para evitar que tenhais de receber mais gente; para lutar pelo esvaziamento das vossas Casas. Pelo menos aí gostava de estar.»

A inquietação de «poder partilhar mais para além do bem material que é o dinheiro» é uma constante das suas mensagens. Em outro momento de partilha, no princípio deste ano, desabafava: «Sabe que se dar dinheiro é difícil (sempre surgem argumentações interiores do 'bom senso', expressões 'sensa-

tas' de que 'estamos a dar o que nos pode fazer falta') *darmo-nos* é muito mais. E por agora só consigo a primeira».

Como se aquilo que já conseguiu não viesse adubado por essa inquietação do 'mais' e por isso mesmo não valesse mais do que a sua expressão material! E esta, se a viessemos a contabilizar já se exprimiria por números muito altos!

Depois, a inteligência da intenção, tão em sintonia com o pensamento de Pai Américo: «A maior glória da Obra seria acabar... por já não ser precisa». No seu campo, ele luta para que esta tendência se afirme... Mas é um lutador tão singular, tão só!... Único não; um raro entre os tão raros desta ténpera!

Duas notas e uma só atitude de alma: A liberdade, a alegria, a paz profunda dos que resistem à tentação de *Mamona* e vencem a sedução do dinheiro e o sabem pôr no seu lugar, *servil* — ele que é venerado como rei e senhor pela vulgaridade.

Padre Carlos

## Tribuna de Coimbra

### Hora de ajudarmos a fazer a paz

Fui ao aeroporto dar um abraço de despedida aos nossos dois padres, à irmã, ao Jaimito e Luizito — o grupo que partiu para Moçambique; um grupo de aventureiros cristãos confiantes. — Ide com Deus, foi a única expressão que me saíu de dentro do coração.

Uns dias antes, um deles dizia-me que tinham consciência da aventura que era partir neste momento para uma terra onde não há segurança e onde falta tudo. Mas, por isso mesmo, é hora da partida. Está uma multidão imensa de irmãos à espera de quem lhes leve esperança de viver e de produzir pão para comer.

Este dia da despedida foi domingo. Tinha-me encontrado com muitos fiéis em três igrejas. A partilha da Palavra de Deus foi o Seu amor que deve circular nos nossos corações, levando-nos a partilhar a nossa vida com os irmãos, sobretudo com os mais carenciados. É a hora de voltarmos para Moçambique e para Angola.

Nas três igrejas vieram pessoas ter comigo à sacristia. Apaixonados por aqueles dois povos que sofrem, a maior parte inocentemente. Que maravilhas aquele homem com o corpo a tombar em cima dos pés trémulos, olhos rasos de lágrimas, a desabafar: — *Sou oftalmologista, a tratar doentes durante quarenta anos em Lourenço Marques. O meu velho corpo anda aqui, mas o meu coração está lá. E não foi capaz de dizer mais nada.*

Uma senhora com trinta e cinco anos de trabalho em duas cidades de Angola. Muitas mais a contar das suas saudades daquelas terras e

daquelas gentes. Que coisas maravilhosas os meus ouvidos escutaram e que expressões os meus olhos viram!

É hora de voltar. É hora de irmos construir muitas coisas e muitas vidas que ajudámos a destruir. É hora de Portugal. O Portugal das descobertas. Hora de ajudarmos a fazer a paz onde ajudámos a fazer a guerra.

Já muito ao fim do dia veio um amigo que foi comandante militar e ajudou a construir a nossa Aldeia, de Malanje. Leu a notícia que as nossas Casas, agora, estavam sem portas e janelas. Veio trazer um cheque de cem contos e prometeu voltar.

É hora de voltarmos!

Padre Horácio

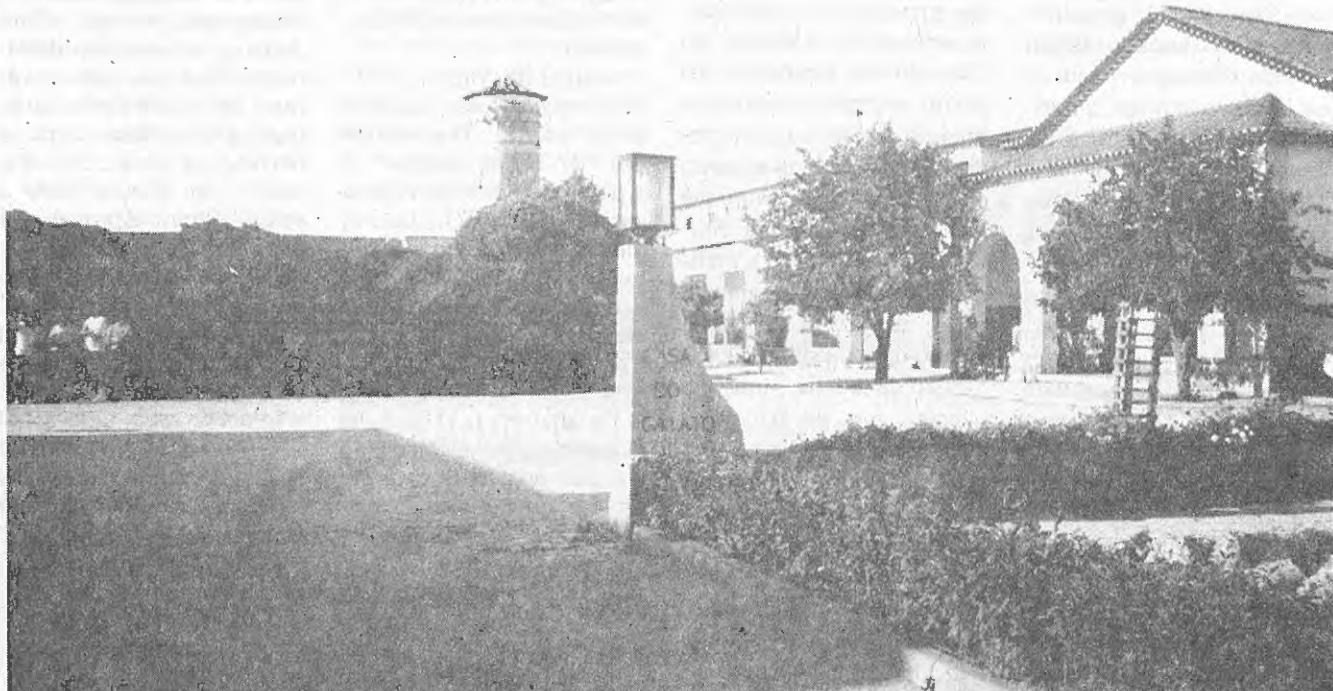
### Mudanças e actualizações de endereços

Continuação da página 3

regulariza a sua anuidade. — *Aí, sim, a gente dá fé de muita coisa... e actualizamos algumas moradas!*

Curiosamente, há um pequeno grupo de chefes de estações dos CTT (leitores assíduos d'O GAIATO) que, sem prejudicarem o trabalho normal, têm o cuidado, a delicadeza, de nos enviarem pelo seu punho (casos de Valongo, Gondomar, Praia da Granja, Barcelos, Penafiel, etc.), as correctas moradas de assinantes cujos jornais, mais dia menos dia — pela rotação de distribuidores ou pela mudança de chefias nas estações — poderiam ser devolvidos. Excepções que deveriam ser regra, pois a distribuição postal é um dos mais importantes serviços públicos do País!

Júlio Mendes



Casa do Gaiato de Setúbal

# PARTILHA

### A consciência do bem e do mal

A *ti* Ilda. Um trabalho escondido no sector da pequiária. Ela, a sua experiência e a sua equipa: Mouginho, Diamantino, Rodrigo, Virgílio e Florival.

Quase todos os dias, à hora da ordenba, passo e converso. Fico a saber da diligência do chefe e do modo como dão conta os rapazes no cumprimento das suas obrigações.

Às vezes, ouço e vejo que nem tudo vai bem. A *ti* Ilda e a sua cara triste dizem tudo. Eu também fico triste e chamo a atenção. Umaz vezes, pessoalmente, a cada rapaz; outras, há tribunal.

Há dias, um deles foi incorrecto. O desabafo até às lágrimas. Não me contive e chamei imediatamente o rapaz. Disse-lhe que não podia ser; que tinha obrigação de lhe pedir desculpa e determinar-se em corrigir-se futuramente. Não resultou. Ele tem qualidades. As mossas que os seus anos verdes já experimentaram, geraram nele orgulho e revolta.

Voltei a instar de forma mais contundente e disse da consciência do bem e do mal; do aguilhão que pica dentro de cada um de nós; do carinho que desveladamente a *ti* Ilda lhe manifesta e dos mimos de que se priva em seu favor; do que ela sente no seu peito materno, ao vê-lo; às vezes, de olhos vazados e

tristes. Eu disse e disse... que tomariam outras medidas se isto não fosse compreendido e assumido pessoalmente por ele.

À tarde passei e espreitei. Não para controlar, mas para saborear a decisão que eu li na alma do rapaz depois de lhe ter falado, assim, ao coração: «*Ti* Ilda, perdoa-me? Sim! Desculpe-me, eu não volto a fazer». A *ti* Ilda perdoou e chorou. Chorou, hoje,

também, quando o rapaz, antes de sair para a praia, se foi despedir dela, carinhosamente.

As lágrimas da *ti* Ilda, o seu beijo carinhoso, o bem que eu sei que lhe quer, a decisão do moço em vencer-se, deram-me também muita alegria. Por esta alegria, pela *ti* Ilda e pelo rapaz agradeço ao Senhor.

Padre João



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239